



De Chaul a Batticaloa

35,00 Eur  
254 pp+8 f

**As Marcas do Império Marítimo Português na Índia e no Sri Lanka**

Autor: Prof. K. David Jackson

Prefácio: Prof. Dr. Jorge Flores

Esta obra teve os seguintes apoios:

- Fundação Calouste Gulbenkian
- Yale University
- Fundação Luso-Americana
- ICEA – Instituto de Cultura Europeia e Atlântica



Depois de 500 anos, a presença portuguesa na Ásia é mais visível, paradoxalmente, através de uma ausência sensível: nas ruínas das cidades e fortalezas costeiras que transformaram a história em arqueologia e a cultura em semiótica. Tal é a fortuna da cidade-fortaleza de Chaul, na costa ocidental da Índia, porto de grande antiguidade, conhecido dos gregos pelo nome de Symulla, que no século XVI foi uma das praças mais importantes da Índia portuguesa, muito antes de existir a povoação vizinha de Bombaim. Em estado de ruína desde o século XVIII, Chaul representa um grande número de fortalezas, monumentos, construções e inscrições através da carreira da Índia, hoje ruínas, que testemunham silenciosamente a ausência sensível desse império marítimo português que com o tempo "nunca foi por ser existindo", dando razão à definição enigmática do verso pessoano. [...]

[...] O viajante francês, François Pyrard, que viajou nesta costa entre 1601 e 1608, descreve a vila e a fortaleza dos portugueses de Chaul como sendo muito diferente de Damão e Baçain, porque a terra, diz ele, era extremamente rica, com abundância de bens valiosos, que os mercadores de toda a parte da Índia e do Oriente vinham buscar. O clima era saudável e a vida barata. Chaul portuguesa era muito forte, e **Chaul Alta** era o centro de manufacturas de artesãos hábeis e trabalhadores que faziam grande quantidade de arcas e armários de tipo chinês muito bem torneados e ricos, e camas e sofás com laca de todas as cores. Havia também uma grande indústria de tecelagem... O porto de Chaul mantinha um comércio marítimo unindo Moçambique à China...



[Batticaloa é a mais rica fonte de português no Ceilão. Fomos informados que nada menos que 300 famílias ainda falam português e vivem sobretudo em Uppodai. Como viviam numa área de fala tamil, a maioria sabe tamil, mas alguns também falam cingalês. A União Católica *Burgher* de Batticaloa reúne estas pessoas e disseram-nos que se fala português na Reunião Geral Anual dessa União, e só as minutas é que são escritas em inglês porque os falantes de português não mantiveram a prática da escrita em português... Os membros da comunidade portuguesa de Batticaloa têm muito orgulho na sua cultura e estão interessados em preservar a sua língua.] D. E. Hettiaratchi, 1969

## **Com David Jackson em percursos do império asiático que foi**

*A língua é o grande arquivo de uma sociedade, de uma comunidade. Sofre alterações, conhece contaminações e influências, mas não permite rupturas. Todos os grandes momentos deixam as suas marcas. Que por vezes se tornam difíceis - e mesmo muito difíceis - de decifrar. A língua portuguesa teve percursos que nela deixaram marcas indeléveis, que não podem ser escondidas, mas a que só os linguistas têm acesso. Porque ao conhecedor do Português comum seja ele do Português de Portugal ou do Brasil ou de algum outro país do Mundo, escapam as formas complexas e por vezes longínquas. Longínquas do que se fala ou usa como língua em canções de festa e de divertimento, ou em solenidade de que o canto é parte. A Bela Infanta (a mesma bela Infanta que Garrett recolheu no Romanceiro) ressurgue em África, no Brasil, em Ceilão; que o autor descobre em Batticaloa... Quem pensaria ir reencontrá-la em tão distantes paragens, vestida ou revestida de um crioulo de que há poucas notícias. E reapropriada e transformada-interpretada pelos que nos vários espaços culturais a conformam e a conservam. Os mecanismos de transmissão actuaram, os mecanismos de preservação também. Há uma busca de signos visíveis e subliminares que é preciso revelar. Para o que se torna indispensável conjugar erudição, aplicação criteriosa das técnicas de pesquisa linguísticas e folclóricas e paciente elaboração em redor do tema. K. David Jackson é um desses linguistas capaz de decifrar inesperadas permanências. E de sobre elas reflectir, e dessa reflexão tirar ensinamentos que servem a interpretação que busca.*

*Percurso notável, que se alicerça num conhecimento apurado da língua portuguesa. No espaço social do império português que assim revela os fantasmas e as ruínas que construiu-destruiu ao longo dos tempos e à medida dos espaços. E dos seus poetas e pensadores, de Camões a Carlos Drummond de Andrade ou de Pessoa aos concretistas, passando por Eduardo Lourenço e Agostinho da Silva.*

*E quantos outros que o autor bem conhece e invoca a propósito de confrontos e semelhanças - e dessemelhanças também. David Jackson domina com largueza e segurança a literatura e a história da cultura portuguesa. Enquanto isto, exercita-se na busca dessas marcas sem tempo exacto de uma diáspora bem mais duradoura do que as formações sociais permitem medir. É esse o convite que o autor nos faz, para o acompanharmos De Chaul a Batticaloa, na busca das marcas do império marítimo português na Índia e no Sri Lanka ao longo dos trinta anos que leva a estudar as comunidades e as tradições indo-portuguesas. Mas não só. São trinta anos confessados de estudos e trabalhos sobre as comunidades e as tradições indo-portuguesas. Vistas com profundidade e com uma estirada persistência. São catorze ensaios sobre a presença cultural portuguesa no sul da Ásia, diz o autor. Mas são sobretudo provas de um saber e de uma finura interpretativa notáveis. Há muito por onde escolher: sobretudo há muito para aprender. De que a presença oculta de 500 anos na Índia e no Sri Lanka muito nos esclarece. Presença que especialmente se sente no epílogo sentido com que David Jackson termina o seu livro. O maremoto de 2004 que em poucos minutos destruiu a cultura crioula que havia resistido a séculos de afastamento da língua em que se exprimia. Outras possibilidades, outras expectativas e outros saberes, para além da especiaria que as expedições marítimas portuguesas buscavam há quinhentos anos. Precisamente: a ida regular de portugueses a Ceilão data de 1506. E aí ficarão, entre vicissitudes de guerra e relações pacíficas até 1658. Criando uma descendência que perdurará. Ora já lá vão 350 anos de afastamento, e a língua, embora na sua forma mesclada, logo viva, como algumas manifestações do folclore e da literatura oral por aí se mantiveram. Com apuramento de dizeres, de falares e sobretudo de cantares, com que uma mundividência "de influência portuguesa" se revitalizava. Que talvez não tenha de todo desaparecido com a tragédia com que a Natureza castigou as gentes da costa leste do Sri Lanka - a sonhada Taprobana da canela e dos rubis preciosos, dos elefantes amestrados, essa ilha onde o império português poderia ter instalado a sua capital asiática, o "assento principal" que D. Manuel indicou a D. Francisco de Almeida. E que hoje se percorrem entre ruínas e fantasmas. Que acordam para nos ensinar. É a lição da "viagem do português à Ásia lida como metáfora: utopia e alteridade". É "a estranha presença dos vestígios materiais de uma realidade que passou e os fragmentos impossíveis de tradições folclóricas vivas que sobreviveram à passagem do mundo português". Livro de saudades e de recordações, De Chaul a Batticaloa benvindo seja o trabalho e a finura interpretativa de David Jackson. E a qualidade da sua escrita, num português excelente e elegante - o que já é menos comum.*

Este texto do Professor Joaquim Romero de Magalhães foi lido pelo próprio na sessão de lançamento deste livro, em Lisboa, na Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, em 4 de Novembro de 2005.